

Há pouco remédio para tanta dor

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Somente um imunologista da área de transplantes. E, que, para piorar, tira férias... Por isso, o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) enviou, em janeiro, quatro rins para Goiânia. Ao mesmo tempo, as filas continuam no Hospital Regional do Gama (que recebe pacientes do Entorno). Já no Hospital Universitário, as consultas são feitas por telefone. Mas os pacientes ainda têm dificuldades para ser atendidos.

Ah, mas o HBDF fez, semana passada, um transplante de fígado, além de 43 transplantes renais em 1999. E o Hospital Regional de Ceilândia está com o centro cirúrgico em reforma, para eliminar rachaduras, infiltrações e mofo. Notícias boas? Os atendimentos de emergência estão diminuindo e as consultas nos ambulatórios aumentando. Prova de que os doentes estão procurando os médicos nos centros de saúde.

É assim, com altos e baixos, mais baixos que altos, que caminha a saúde pública no DF às portas do terceiro milênio. Com muitos problemas e busca de soluções em um sistema piramidal. Os centros de saúde fazem o primeiro atendimento (primário) aos pacientes. Os hospitais fazem o atendimento secundário e o HBDF fica com o terciário e quartenário (casos de tratamento de câncer e transplantes). São 20 mil atendimentos de emergência e 20 mil no ambulatório todo mês. Além de 400 cirurgias de emergência e 500 programadas mensais.

Cirurgia como a que espera o jardineiro Luiz Alfredo de Moura, 42, morador de Ceilândia e no pronto-socorro do HBDF há quatro dias. Imobilizado depois de uma queda de três metros quando "pegava uma manga madura", ele passa os dias ansioso, esperando. "Tenho medo. Atingi a coluna e não sinto os pés", diz Luiz Alfredo que aguarda a tomografia e a cirurgia. Ao lado, sua mulher, Liduina Nogueira da Costa, 41, reclama. "Os acompanhantes dos doentes comem o pão que o diabo amassou. Não temos cadeira, lanche, nada", chora a dona-de-casa que perambula, à noite, pelos corredores. E não entende que a medida é intencional. Assim, o hospital acompanhantes e evita infecções.

Menos mal que a mulher do jardineiro pode andar. Algo que só existe em sonhos para o ceramista José Mauro Garcia, 30, que passa seus dias na enfermaria. Com a perna direita parafusada — "Fui atropelado em Porto Velho (RO), quando pedalava" —, José Mauro é daqueles que agradece a Deus pelo Hospital de Base. "Tudo é fácil. Tem médico e remédios. Se não estivesse aqui, estaria morto", diz o homem com a

Fotos: Paulo de Araújo



Há dias em que 70% da capacidade do Hospital de Base estão ocupados com pacientes vindos de outros estados: faltam 600 funcionários

coluna descentralizada e a perna estropiada.

O jardineiro de Rondônia transforma-se em um mero número quando se sabe que, em certos dias, até 70% da capacidade das unidades (700 leitos) do hospital estão ocupados por gente de outros estados. O diretor do HBDF, Aloísio Franca, recebe, mensalmente, 60 pedidos de transferência. Mais: dependendo da regional de saúde, o número de pacientes de fora do DF chega a 40% das internações. (O problema atinge, principalmente, os hospitais do Gama e Sobradinho. Assim como os hospitais de Ceilândia e Taguatinga são os mais sobrecarregados por atender aos moradores das cidades vizinhas.)

PRESSIONADOS

"Somos tão pressionados quanto o Sarah Kubitschek para receber pacientes de fora. O problema é a demanda reprimida. Não recuso ninguém. É o que acaba com a gente", diz Aloísio Franca, que enumera as fraquezas do hospital que faz 40 anos em 12 de setembro. Falta pessoal — imunologistas, principalmente —, além de estrutura (como colocar água quente e voltar com os apartamentos para pacientes conveniados das clínicas). "Tenho 3.400 funcionários. Preciso de mais 600."

O número que caracteriza essa carência de pessoal é quase igual ao que a Secretaria de Saúde pretende convocar na "primeira leva", entre os aprovados no concurso da Fundação Hospitalar, em 1999. "Vamos chamar 635

aprovados em março. E investir em equipamentos e medicamentos.", conta o secretário-interino da Saúde, Paulo Kalume.

IDÉIAS PARA 2000

E ele aproveita para enumerar os projetos do ano 2000. O aparelho de ressonância magnética do HBDF, a entrega do bloco materno-infantil do Hmib, a construção do hospital do Paranoá e de quatro postos de saúde, além da entrega do aparelho Gama Câmara, hoje, às 11h, no Hospital de Base. Entre outros.

São idéias previstas para o ano que começa. Para isso, a secretaria tem um orçamento de R\$ 1,02 bilhão, ou 16,40% do orçamento previsto, no período, para o GDE. É suficiente? "É. Não temos problemas com recursos financeiros. Mas com o tanto de gente que nos procura graças a um trabalho de excelência", diz Kalume.

Como bem sabe o agricultor Antônio Fernandes Nascimento, 73, mineiro de Paracatu, Antônio sofre de um aneurisma cerebral. Ficou dez dias no HBDF, esperando exames e cirurgia. Mas foi preferido por pacientes em situação pior.

Enquanto o marido espera — com lesão na cabeça, veias dilatadas e bolsa de sangue — a mulher, Noeme Coelho das Lanças, 53, vive ligando para o hospital, querendo internar o marido. "Ele desmaiou oito vezes em um dia. O médico disse que ele pode acordar em coma", desespera-se Noeme, que passa os dias com familiares no Recanto das Emas. Esperando a sorte — e a cirurgia do marido — chegar.



Luiz Alfredo foi pegar manga e caiu da árvore: quatro dias de espera

QUEM FOI AO MÉDICO

Consultas	Hospitais	Centros e Postos de Saúde	Policlínica	Total
Odontológica	80.563	120.783	22.801	224.147
Emergência	2.073.849	21.021	17.564	2.112.434
Ambulatório	886.221	1.386.696	101.677	2.374.594
Total	3.040.633	1.528.500	142.042	4.711.175

ENTREVISTA / Paulo Kalume

"Há carência de clínicos"

Correio Braziliense: Qual a situação do sistema de saúde público do Distrito Federal?

Paulo Kalume: Vamos muito bem, obrigado. Apesar de termos vários problemas, como a demanda de pacientes que vêm da região do Entorno ou a falta de recursos humanos. Mas é impossível não ter problemas com uma estrutura gigantesca como a nossa.

Correio: De todos os problemas qual o que mais incomoda a Secretaria de Saúde?

Kalume: Certamente o acesso das pessoas ao sistema de saúde, como a marcação de consultas e o bom atendimento, algo indispensável. Mas já estamos fazendo estudos para melhorar a produtividade da rede hospitalar, principalmente os centros de saúde. A Universidade de Brasília, por exemplo, só forma 60 médicos por ano. É pouco. E, para piorar, há uma superespecialização que se contrapõe a uma carência de clínicos gerais e baixos salários.

Correio: E quais aspectos no sistema público de saúde do DF o senhor considera positivos?

Kalume: O nosso sistema de imunização é de alta qualidade. Sempre extrapolamos os números previstos em qualquer campanha de vacinação. E olhe que tivemos uma prova de fogo com essa história de febre amarela. Em vinte dias, vacinamos mais de 800 mil pessoas contra a doença. Além disso, a mortalidade infantil do DF é uma das mais baixas do país. Nossos bancos de sangue são de alta qualidade. E ainda há a excelência do programa de reprodução humana do Hospital Materno-Infantil de Brasília (Hmib). Ou o Saúde da Família.

Correio: Como o senhor avalia o primeiro ano do Saúde da Família?

Kalume: O programa começou efetivamente em junho do ano passado e está caminhando da maneira que o planejamos, de uma forma gradual e sem atritos. Já formamos 129 equipes que atendem em 64 postos em todo o Distrito Federal, exceto Plano Piloto e Cruzeiro. A filosofia do programa é fazer o atendimento familiar e isso está sendo feito. E bem. A meta é monitorar 300 equipes até meados do ano 2001. E já temos algo em torno de 100 mil famílias cadastradas, com aproximadamente 500 mil pessoas.